

IR, PREGAR E DISCIPULAR: O MODELO DE JESUS PARA A EXPANSÃO DO REINO DE DEUS ENTRE OS HOMENS

Rev. Matheus da Silva Fernandes

STPAS¹

RESUMO

O impacto cultural da pós-modernidade é resultado de uma cosmovisão que reflete a ruptura de totalidades e a falta de compromisso com estruturas já existentes, na qual não existe uma única forma de ler e explicar o mundo e destaca-se um cenário dominado pelo relativismo pessoal. Nesse cenário, princípios e fundações já não são mais representações sólidas, pois modelos, padrões e singularidade deram espaço para a pluralidade. Surge, então, o desafio missional no século XXI: diagnosticar o público e apresentar o evangelho bíblico, puro e simples, apesar das influências culturais presentes na pós-modernidade. O objetivo deste artigo é compreender o significado do termo discipulado e identificar o modelo expansionista inaugurado por Jesus a fim de compreender qual é o caráter missional da igreja diante dos desafios que a cultura pós-moderna apresenta. Partimos do pressuposto de que a igreja cristã se trata de uma comunidade santa que atrai pessoas a um novo modelo de vida através da proclamação do evangelho. Cada membro do corpo de Cristo deve se comprometer com esse caráter missional. Este comprometimento individual sempre se desenvolverá para o coletivo e gerará novos brotos para o reino de Deus, a partir de Jesus: a videira que sustenta todos os seus ramos.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza da Igreja; Caráter Missional; Chamado; Discipulado.

ABSTRACT

The cultural impact of postmodernity is the result of a worldview that reflects the breakdown of totalities and the lack of commitment to existing structures, in which there is no single way of reading and explaining the world and a scenario dominated by personal relativism stands out. In this scenario, principles and foundations are no longer solid representations, because models, standards, and singularity have given way to plurality. The missional challenge then arises in the 21st century: to diagnose the audience and present the biblical gospel, pure and simple, despite the cultural influences present in post-modernity. The objective of this article is to understand the meaning of the term

¹ Essa produção bibliográfica se trata de um dos pontos desenvolvidos na monografia “A igreja como instrumento discipulador na pós-modernidade”, sob a orientação do Prof. Dr. Rev. Junio Cesar Rodrigues Lima, aprovada pela banca examinadora do Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton, em 2020.

discipleship and to identify the expansionist model inaugurated by Jesus in order to understand what is the missional character of the church in face of the challenges that postmodern culture presents. We start from the assumption that the Christian church is a holy community that attracts people to a new model of life through the proclamation of the gospel. Each member of the body of Christ must commit to this missional character. This individual commitment will always develop into the collective and generate new shoots for the kingdom of God, starting from Jesus: the vine that sustains all its branches.

KEYWORDS: Nature of the Church; Missional Character; Vocation; Discipleship.

[...] a natureza da igreja se concentra na comunhão dos santos e na tarefa de ser testemunha de Cristo até os confins da terra e essa tarefa é alcançada por meio dos imperativos: ir, pregar e discipular. Não cumprir a Grande Comissão significa ir contra a sua própria natureza.

M. S. Fernandes

DEFINIÇÃO DE DISCIPULADO

O termo discípulo, no âmbito cristão, refere-se ao ser humano que segue os ensinamentos de Jesus (DEVER, 2016, p. 16). A origem do vocábulo, no grego (*mathetes*), se define por aprendiz, aluno ou discípulo (BROWN; COENEN, 2000, p. 581). Tal palavra se apresenta no N.T. 264 vezes e expressa um sentido de completa devoção a alguém, no discipulado (BROWN; COENEN, 2000, pp. 583-584).

Segundo Dewey M. Mulholland, o discipulado inaugurado por Cristo reflete o ato de segui-lo e ser modelado pelo Mestre a partir de um relacionamento pessoal, onde o relacionamento entre Cristo e o discípulo o forma e o transforma de modo a refletir as características do seu Mestre. Ele afirma:

[...] A vida cristã começa com a decisão de desistir do caminho atual para iniciar um novo (arrependimento), que exige se envolver com a confiança (crer) no Reino de Deus que Jesus está anunciando. Essa vida é modelada por um relacionamento pessoal com Jesus (que implica segui-lo). O caráter seguidor, seus propósitos e ambições refletem o que é “estar junto de Jesus”. Seu estilo de vida, sua maneira de pensar, falar e agir – isto é, a formação e transformação dos seguidores – vêm como fruto da convivência com Jesus (MULHOLLAND, 2004, p. 121).

O relacionamento de Jesus com os discípulos aponta para o seu propósito de propagar o evangelho ao homem. Para concretizar tal propósito, Jesus chama pessoas e

passa para o cerne do discipulado, um relacionamento com base no ensino. O discipulado de Cristo direciona os seus seguidores para o seu único objetivo: anunciar o evangelho aos homens (MULHOLLAND, 2004, pp. 121-122).

Além da compreensão de Mulholland, na perspectiva do teólogo batista reformado Jonas Madureira, os termos discípulo e discipulado são intrínsecos ao ministério de Jesus. O primeiro vocábulo define ser cristão como ser discípulo de Cristo. Já o discipulado compreende-se pelo “ato de seguir Jesus (Imitar a Cristo) e o ato de ajudar alguém a seguir Jesus (ajudar outros na imitação de Cristo)” (MADUREIRA, 2019, p. 19). Consoante a perspectiva do teólogo batista, tais definições não são excludentes, todavia são harmônicas, pois não é possível ajudar outros a seguirem a Cristo sem ser um seguidor de Cristo (MADUREIRA, 2019, p. 20).

O teólogo batista reformado Mark Dever define o termo discipulado como o ato de seguir a Cristo. Na perspectiva dele, compreende-se que o discipulado cristão se inicia com a receptividade do evangelho, o desenvolvimento do relacionamento com Deus e a promessa da eternidade (DEVER, 2016, pp. 15-17). Dever afirma que o “nosso discipulado com Cristo tem início quando ouvimos esta ordem e a obedecemos: ‘Siga-me’” (DEVER, 2016, p. 17).

Na abordagem do teólogo Keith Phillips, a ênfase do discipulado de Cristo está no treinamento e envio dos seus discípulos ao mundo para propagação e expansão do reino de Deus. Acerca disto, ele afirma:

Jesus usou o relacionamento semelhante com os homens que ele treinou para difundir o Reino de Deus. Seus discípulos estiveram com ele dia e noite por três anos. Escutavam seus sermões e memorizavam seus ensinamentos. Viram-no viver a vida que ele ensinava. Então, após sua ascensão, confiaram as palavras de Cristo a outros e encorajam-nos a adotar o seu estilo de vida e a obedecer ao seu ensino. Discípulo é o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre com a finalidade de ensinar a outros (PHILLIPS, 2008, p. 19).

Phillips também explana que a partir da vida de Cristo o desenvolvimento do discipulado elenca dois elementos primordiais: renúncia e multiplicação (PHILLIPS, 2008, p. 20). Tais elementos são marcas essenciais na vida dos discípulos de Cristo, pois o exemplo do ministério de Jesus deve ser externado por meio da vida destes discípulos. Phillips diz: “e ele requer que cada um de seus discípulos siga o seu exemplo” (PHILLIPS, 2008, p. 20).

De acordo com as breves compreensões elencadas acima, o termo discipulado abrange características da relação do discípulo com Jesus, ao estabelecer uma conexão de

aprendizagem. Tal relacionamento é firmado a partir do momento em que o homem recebe o evangelho e segue a Cristo. O discípulo passa a receber o treinamento de seu mestre com a finalidade de proclamar estes ensinados adquiridos no treinamento de outras pessoas. Sendo assim, o discipulado cristão estrutura-se entre o chamado do mestre e a resposta do homem, no treinamento e no envio dos discípulos para proclamação dos que não foram alcançados pelo evangelho.

O CHAMADO DE JESUS

O verdadeiro discípulo é aquele que manifesta total devoção a alguém (BROWN; COENEN, 2000, p. 583). Tal devoção, de acordo com Brown, recebe um novo sentido no N.T. mediante à associação com Jesus. Observa-se que algumas características são inerentes no processo de seu discipulado como, por exemplo, o chamado. Este, segundo Brown, destaca-se por três marcas: (1) chamado para seguir. (2) chamado para sacrificar. (3) chamado para servir (BROWN; COENEN, 2000, pp. 583-586).

O modelo de discipulado instalado por Jesus tem como marca o chamado para seguir e, conforme observa Brown, “é indisputável que Jesus chamou os homens para serem seus discípulos e para segui-lo” (BROWN; COENEN, 2000, p. 583). Além disso, ele salienta que o método utilizado por Jesus para chamar os homens era distinto de outros círculos da sua época, pois não visava classe social. Assim é observado que:

Embora nos círculos rabínicos e nas escolas filosóficas, o homem fizesse a sua decisão voluntária para juntar-se à “escola” do seu mestre, tornando-se, portanto, um discípulo; no caso de Jesus o fator decisivo era a Sua chamada. Jesus lançou mão desta iniciativa e chamou homens para aceitarem o discipulado... Diferentemente dos rabinos, Jesus rompeu barreiras que separavam os puros e os impuros, os pecaminosos e os obedientes. Chamou o cobrador de impostos que ficava fora da comunidade da adoração (Mc 2:14), assim como também chamou o Zelote (Lc 6:15; At 1:13) bem como o pescador (Mc 1:16) (BROWN; COENEN, 2000, p. 585-586).

Neste sentido, o homem que desejava ser discípulo não estava condicionado a sua própria escolha, mas ao chamado de Jesus. O ato de chamar aprendizes para o serviço do reino de Deus estava ligado exclusivamente a pessoa de Jesus, independente do estágio social. Uma vez que o homem responde positivamente ao chamado de Cristo, ele passa a ser um seguidor e, agora como discípulo, exige-se sacrifícios na totalidade da sua existência (BROWN; COENEN, 2000, p. 585).

Além do chamado para seguir a Cristo, o discipulado se desenvolve na tônica do chamado para sacrificar. Na perspectiva de Dietrich Bonhoeffer, o discípulo é chamado

para sacrificar o seu mundo, ideias e possibilidades de uma vida confortável. De acordo com o teólogo alemão, isto compreende o morrer para si e enxergar Cristo como o único Senhor. O luterano afirma:

A cruz é imposta a cada crente. O primeiro sofrimento com Cristo, ao qual ninguém escapa, é o chamado que nos chama para fora das vinculações com o mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo. Quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, expõe sua vida à morte. Isso é assim desde o princípio; a cruz não é o fim horrível de uma vida piedosa e feliz, mas se encontra no começo da comunhão com Cristo. Todo chamado de Jesus conduz à morte. Quer devamos abandonar casa e profissão, como o fizeram os primeiros discípulos, para o seguir, quer, com Lutero, abandonemos o convento para ingressar na profissão secular, em ambos os casos aguardamos a mesma morte, a morte em Jesus, a extinção do velho ser humano por causa do chamado de Jesus. Porque o chamado de Jesus ao jovem rico lhe traz a morte, porque este somente pode ser discípulo como alguém cuja vontade própria que já morreu, porque cada ordem de Jesus nos chama a morrer com todos os nossos desejos e ambições, e porque não podemos desejar nossa própria morte, por isso Cristo tem que ser, em sua Palavra, nossa morte e nossa vida (BONHOEFFER, 2004, pp. 46-47).

Embora o discipulado com Cristo evidencie uma realidade de abandono de desejos pessoais, perseguições e até morte, Bonhoeffer defende absoluta segurança e comunhão na companhia de Cristo. Por analogia, Brown explana que Jesus foi um exemplo de sofrimento para os seus discípulos e, a partir disto, os seus seguidores não poderiam esperar outra realidade além daquela vivida pelo Mestre (BROWN; COENEN, 2000, p. 586).

Outra característica do chamado de Jesus aos seus discípulos, em conformidade ao pensamento de Brown, está ligada ao servir (BROWN; COENEN, 2000, p. 586). Com isto, paralelo a profissão de origem dos primeiros discípulos, pescadores (Mc 1:16), Jesus os chama para um serviço ainda maior: o comprometimento com o anúncio do Reino de Deus. Isto implica em “pescar homens”, ou seja, “tendo em vista a chegada iminente do reino de Deus, os discípulos devem apanhar homens para o reino vindouro, por meio de pregarem o evangelho e trabalharem em nome de Jesus” (BROWN; COENEN, 2000, p. 586).

Este serviço confiado aos discípulos, segundo o teólogo presbiteriano Dr. Cláudio Marra, corrobora para a ênfase do ministério terreno de Jesus, ou seja, um serviço dedicado a pregação do evangelho e a chegada do reino de Deus, que, posteriormente, seria delegado aos seus seguidores. Marra explana a sucessão deste ministério messiânico aos discípulos, que após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus os seus discípulos

estariam encarregados de executar esse serviço: proclamar o evangelho até os confins da terra (MARRA, 2007, p. 57).

O chamado de Cristo aos seus discípulos discorre em torno dessas características: o chamado para seguir, sacrificar e servir. Tais elementos constituem marcas essenciais no modelo de discipulado de Jesus e o distingue dos mestres de seu tempo. Enquanto as escolas rabínicas e filosóficas eram selecionadas pelos alunos, em Cristo, ocorre o contrário, o discípulo é chamado para fazer parte da missão do seu Senhor (BROWN; COENEN, 2000, p. 585).

Assim, o chamado de Jesus para os discípulos envolve uma resposta de obediência, seguida de uma mortificação de desejos pessoais que possam conflitar com as realidades do ministério. Ao receber o convite e respondê-lo positivamente, o discípulo está disposto a se entregar por completo e viver em prol da missão. No chamado de Jesus, também, destaca-se o serviço no reino, onde os discípulos são chamados a proclamar o evangelho ao próximo e avançar com o reino de Deus. No entanto, antes de todo esse engajamento no reino de Deus, tais discípulos devem passar pelo treinamento de Cristo.

O TREINAMENTO DE JESUS

Após o chamado e a resposta dos discípulos, inicia-se o treinamento coordenado pelo próprio Senhor Jesus. De acordo com Marra: “Jesus separou Doze dos discípulos pra serem seus missionários e o treinamento deles deveria se intensificar” (MARRA, 2007, pp. 60-61). Este treinamento ocorre de modo íntimo, uma vez que Jesus os chamou, os treinou e lhes dotou de autoridade para serem testemunhas oculares do ministério terreno do Filho de Deus (MARRA, 2007, p. 61).

Desta forma, o discipulado de Jesus com os Doze se desenvolveu de modo íntimo. O evangelista Lucas, no capítulo nove, registra uma série de instruções de Jesus para os Doze e o que se percebe é um estilo pedagógico estruturado na tríade da comunicação visual, auditiva e experimental (MARRA, 2007, p. 62). Segundo Marra, essa aproximação de Jesus com seus discípulos foi um fator essencial para a formação do grupo dos Doze. Ele afirma:

Os discípulos permaneceram próximos ao seu Mestre e aprenderam enquanto ele ensinava e alimentava a multidão (Lc 9.12-17). Eles aprenderam em todas as ocasiões, quando outros discípulos e diferentes pessoas vieram a Jesus com perguntas, além de formular eles mesmos as suas próprias questões. Eles estavam lá quando Jesus contou a parábola do semeador e ouviram as perguntas que outros discípulos fizeram. A resposta de Jesus e a conclusão de

Marcos após a seção de parábolas (Mc 4.33,34) demonstram que o Mestre estava lidando de um modo muito especial com o seu grupo mais próximo de discípulos (MARRA, 2007, p. 62).

A partir desta aproximação particular com os Doze, é observado que os discípulos desempenharam um papel de cooperação no ministério terreno de Jesus. A medida em que se envolviam, o Mestre lhes ensinava por meio de exemplos visuais, da exposição da palavra (parábolas), de experiências particulares e com as multidões (MARRA, 2007, p. 63). O teólogo Alexander Bruce explana que a íntima relação dos discípulos com Jesus acrescentou uma experiência proeminente para um testemunho futuro após a morte e ascensão de Cristo, ao afirmar que:

No treinamento dos doze para o trabalho do apostolado, ouvir e ver as palavras e as obras de Cristo eram necessários e ocupavam um lugar importante. Olhos e ouvidos, testemunhas dos fatos de uma vida sem precedentes, eram indispensáveis para a preparação daqueles que testemunhariam no futuro. Os apóstolos podiam garantir crédito às suas maravilhosas narrativas apenas introduzindo-as com a afirmação: "O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos" (I Jo 1.3). Ninguém acreditaria em seus relatos, com exceção daqueles que, ao menos, estavam satisfeitos por esses terem vindo de homens que tinham estado com Jesus (BRUCE, 2007, p. 57).

Jesus, na companhia dos Doze, os treinou por meio de parábolas. Este treinamento foi uma ferramenta de comunicação para expor de modo simples os mistérios do reino de Deus ao público, de modo que quando os Doze não obtinham total compreensão da mensagem, o próprio Jesus lhes explicava em particular (BRUCE, 2007, pp. 60-61).

Além das mensagens (parábolas) pregadas e explicadas por Cristo, a respeito do reino de Deus, os apóstolos também foram testemunhas oculares do ministério terreno do seu Mestre. Conforme afirma Bruce: “na presença deles, como espectadores, homens cegos ganharam a visão, aleijados andaram, leprosos foram curados, surdos recuperaram a audição e pessoas mortas voltaram a viver” (BRUCE, 2007, p. 62). Diante das ocupações cotidianas de Jesus, os Doze observaram os seus feitos poderosos e o bem promovido através das curas e libertações demoníacas (BRUCE, 2007, p. 63).

Ao receberem a mensagem e visualizarem os feitos de Jesus, de acordo com Marra, eles também eram preparados para “os dramáticos acontecimentos que os aguardam” (MARRA, 2007, p. 63). Neste sentido, o teólogo presbiteriano salienta que ao longo do treinamento, Cristo destaca que o autossacrifício em prol do ministério é real e conseqüentemente, o sofrimento faz parte do processo do discipulado. Assim, a ideia de

morrer para si mesmo e carregar a sua cruz é um elemento evidenciado pelo Mestre e segui-lo exige total renúncia. Conforme observado:

[...] Isso não quer dizer que todos devemos sofrer morte violenta, mas ele exigiu deles rendição total, a mesma que ele demonstrou em relação à vontade de seu pai (Mt 26.39,42), a mesma que eles haveriam de ensinar após a ressurreição de Jesus (MARRA, 2007, p. 65).

O autossacrifício ou a “doutrina da cruz” (BRUCE, 2007, p. 309) de acordo com Bruce, compõe a etapa dolorosa no discipulado e o “sofrimento é a educação para o céu” (BRUCE, 2007, p. 315). Sendo assim, compreende-se que no treinamento de Cristo, os Doze são instruídos no ouvir a mensagem proferida pelo Mestre, ver os poderosos atos de Jesus no decorrer do seu ministério e sentir o peso de carregar cada um a sua cruz em prol do reino de Deus.

Por fim, o treinamento de Jesus caracteriza-se pela intimidade com os seus discípulos. Por esta razão, um estilo pedagógico foi desenvolvido a partir da comunicação visual, auditiva e experimental. Esta comunicação estruturou o processo entre Jesus e os Doze de modo que eles usariam em seus ministérios particulares. Desta forma, os Doze visualizaram os atos de poder do Mestre na multiplicação de pães e peixes e libertação demoníaca, ouviram os seus ensinamentos, exortações e palavras de consolo e, por último, experimentaram as etapas do ministério como os perigos, a fé, a perseguição de líderes religiosos e o renunciar a si mesmo. Assim, os discípulos receberam as instruções e foram treinados para uma obra ainda maior, o envio.

O ENVIO DOS DISCÍPULOS AO MUNDO

Os estágios mencionados anteriormente, o chamado e o treinamento, marcam etapas de um processo mais íntimo no desenvolvimento do discipulado de Jesus. Todavia, Seu discipulado também contempla o fato desses discípulos serem enviados como suas testemunhas. Com base nisto, os discípulos são encorajados pelo próprio Mestre e enviados ao mundo para compartilhar tudo o que ouviram, viram e sentiram ao lado de Cristo (BROWN; COENEN, 2000, p. 587). Registra-se o envio dos discípulos com base na redação do evangelista Mateus:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século (Mt 28:16-20).

Na perspectiva de Jonas Madureira, Jesus fez discípulos e encorajou a multiplicação de novos discípulos, contudo, o padrão de formação está no conteúdo que os Doze receberam durante o ministério terreno de Jesus. Por meio dos exemplos vivenciados com Jesus, os Doze deveriam ir, fazer discípulos, batizar e ensinar o que receberam. Ele afirma:

Ser cristão, portanto, é ser discípulo de Cristo. Todavia, Jesus não somente fez discípulos, como também os encorajou a fazer outros discípulos, não tomando a si mesmos e suas ideias como modelo, mas, pelo contrário, espelhando-se em Jesus e suas ideias, ou seja, imitando a Cristo (MADUREIRA, 2019, p. 19).

Após o chamado e treinamento de Jesus aos Doze, Marra salienta que “Jesus apresenta aos seus discípulos as instruções finais e lhes atribui uma missão que eles cumpririam indo, batizando e ensinando” (MARRA, 2007, pp. 69-70). Com base nestas instruções, Jesus envia os seus discípulos assim como o Pai o enviou (Jo 17:18), de modo que seus discípulos proclamem as boas novas de salvação ao próximo.

De acordo com o Dr. Russell P. Shedd, o chamado de Jesus aos seus discípulos fundamenta-se especificamente em enviá-los a pregar. Na visão do teólogo, esta ideia de enviados a pregar é resultado da promessa feita por Cristo: “Eu vos farei pescadores de homens”. Ademais, tais homens foram treinados em seu caráter, responsabilidades e questões pertinentes ao reino e a lei de Deus, e em virtude deste processo de discipulado com Cristo, o próprio Senhor os envia (SHEDD, 2015, pp.115-117). Shedd observa que esses discípulos estão sob a ordem de Jesus e atuam como embaixadores, ele afirma:

[...] Jesus enviou os apóstolos a fazer discípulos entre as nações, batizando-os no nome do Deus trino e ensinando-lhes a guardar tudo o que Jesus lhes havia ordenado (Mt 28.19,20). O Comandante Supremo colocou sob suas ordens seus embaixadores, para que levassem o evangelho a todo o mundo e disculpassem seus convertidos naquilo que tinham ouvido. O objetivo universal da proclamação do evangelho a todos os homens deve ser atingido antes do retorno de Jesus (Mt 24.14) (SHEDD, 2015, p. 117).

A partir da ordem de Jesus, nota-se que o envio dos Seus discípulos não ocorreu sem as Suas instruções, e sobretudo, na delegação da Sua autoridade. De acordo com o teólogo norte americano John Piper, a autoridade de Jesus se baseia no governo de todo o universo e, por isso, garante o sucesso dessa missão. O teólogo norte americano explana:

No prelúdio da Grande Comissão, Jesus diz que *toda a autoridade* no céu e na terra lhe foi dada (Mt 28.18, ARA). Tendo assumido nossa carne e sangue e cumprido o destino da humanidade (Sl 8.3-8; Hb 2.5-10), além de seguir seu curso sacrificial, o Homem Jesus Cristo, agora, governa todo o universo (nosso pequeno globo também) com a própria soberania de Deus, garantindo o sucesso de sua missão global (PIPER, 2015, p. 13).

Tal autoridade marca uma comissão inaugurada por Cristo, onde seus seguidores são enviados para todas as nações com o propósito de fazer discípulos, batizar e ensinar (MARSHALL, 2015. pp. 18-19). Segundo Mark Dever, antes de partirem para ação de fazer discípulos, o próprio Jesus lhes concedeu a sua autoridade. Ele afirma:

Antes de dar a ordem a seus discípulos para fazerem discípulos, ele lhes diz que recebeu toda autoridade no céu e na terra e que eles deveriam “ir”. A autoridade de Jesus é universal, assim como sua preocupação. E o caráter universal de sua autoridade e de sua preocupação conduz à universalidade de nossa missão: nós nos dirigimos a todas as nações (DEVER, 2016, p. 21).

Em congruência a este pensamento, o teólogo calvinista Dr. Michael Horton defende que a base da Grande Comissão está na autoridade de Jesus. Ele explica:

A Grande Comissão começa de fato na declaração: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt 28.18). Essa é a base de argumentação racional para tudo o que a igreja é chamada para fazer. A comissão da igreja é, na verdade, *dirigida* por um propósito (“fazei discípulos de todas as nações”), mas *impelida* por uma *promessa* (HORTON, 2014, p. 28).

Direcionados sob a autoridade de Jesus, os seus discípulos também recebem os termos da missão: ir e fazer, batizar e ensinar (BOSCH, 2002, p. 92). Segundo Horton, a missão contempla um estado de urgência, a partir da ordem de ir e fazer discípulos de todas as nações. Tendo em vista a ênfase no conteúdo da Grande Comissão, elenca-se um imperativo missionário, ou seja, o alcance deve acontecer de modo universal. Isto implica em atingir pessoas de contextos distintos, pois o próprio Mestre voltará para julgar a terra (HORTON, 2014, p. 95).

Além da urgência apresentada, o missiólogo David Bosch defende que o termo batizar representa o início do discipulado com Cristo, isto porque, a partir do perdão dos pecados outorgados por Jesus, se instala um novo processo, uma vez que o homem confessa a sua fé. Mediante a sua abordagem, o ato do batismo inaugura o selo na vida do discípulo (BOSCH, 2002, p. 108). Colin Marshall explica que o batismo “se refere à iniciação dos discípulos no arrependimento e na submissão ao soberano Jesus, o Senhor que governa o mundo” (MARSHALL, 2015. p. 19).

Por fim, observa-se o último termo da missão: ensinar. Na perspectiva de Bosch, o ensino a ser transmitido não é resultado de um produto meramente intelectual, porém, o missiólogo compreende que “o ensino de Jesus é um apelo à vontade de seus ouvintes, e não primordialmente a seu intelecto” (BOSCH, 2002, p. 93). O objetivo de Jesus ao utilizar o termo reflete um ensino de total rendição à vontade de Deus, uma vez que essa

vontade foi revelada no ministério e ensino de Jesus aos seus discípulos (BOSCH, 2002, p. 93). Isto pode ser observado na seguinte abordagem:

[...] O discipulado é determinado pela relação com o próprio Cristo, não pela conformidade com uma ordenança espiritual. O contexto disso não é a sala de aula (onde o “ensino” geralmente tem lugar), nem mesmo a igreja, e sim o mundo (BOSCH, 2002, p. 93).

Em conformidade com Bosch, Marshall considera que o ensino compartilhado de Jesus para os discípulos forneceu alicerces para o crescimento, conhecimento e entendimento. A partir destes alicerces, os novos discípulos deveriam ser ensinados nos parâmetros de Jesus com a finalidade de obedecerem aos mandamentos ordenados pelo Senhor (MARSHALL, 2015. p. 19). Ao comentar a respeito do ensino delegado aos discípulos, Willian Hendriksen defende uma perspectiva que a guarda destes ensinamentos não são restritos ao primeiro grupo da Grande Comissão, mas extensivo para os membros que serão inseridos no grupo de discípulos de Jesus. Ele afirma:

Ensinando-os a observar tudo o que lhes tenho ordenado- que ordem! Primeiramente para os onze e para todos os mestres ordenados; mas, em cento sentido, com certeza também para toda a igreja, todos os membros. Cada membro é uma testemunha verdadeira (HENDRIKSEN, 2001, p. 704).

Desta forma, essencialmente, o discípulo de Jesus carrega o dever de testemunhar verdadeiramente acerca das boas novas transmitidas por Ele, além de fazer da sua vida um testemunho real das características do seu Mestre. A essência do discipulado, segundo afirma Brown, “se acha no cumprimento, pelo discípulo, do seu dever de ser testemunha do seu Senhor durante a sua vida” (BROWN; COENEN, 2000, p. 587).

Logo, o envio dos discípulos ao mundo os designa a uma missão da expansão do reino de Deus. Esta etapa do discipulado completa uma parte do chamado dos discípulos: proclamar as boas novas do evangelho. Embora uma parte do discipulado fora realizada na companhia visível de Jesus, agora, os discípulos são enviados “sozinhos”². Para tal, Jesus os confere a sua autoridade e os comissiona para uma missão central: ir e fazer novos discípulos. Batizar e ensinar de acordo com o conteúdo que eles mesmos

² A perspectiva em destaque não contempla que os discípulos de Jesus estão literalmente sozinhos na missão. Neste assunto observam-se dois sentidos, a saber, o físico e o espiritual. No sentido físico, os discípulos estão sozinhos, isto é, sem a companhia física de Jesus, uma vez que Cristo foi elevado aos céus e está ao lado do Pai (At 1). Por outro lado, tais discípulos não estão abandonados, pois há o acompanhamento espiritual do Espírito Santo conforme prometido por Jesus no evangelho de João capítulo dezesseis, bem como a companhia do próprio Mestre no decurso do ministério da proclamação do evangelho como prometido por Ele (Mt 28.20).

receberam. Todo o processo realizado por Jesus em suas companhias deverá ser reproduzido por este grupo que está então comissionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber, o desafio missional da igreja no século XXI é apresentar o evangelho bíblico, apesar das influências culturais da pós-modernidade. Tal desafio garante à Igreja Presbiteriana do Brasil um árduo trabalho frente à cultura pós-moderna. Apesar das peculiaridades culturais do mundo pós-moderno, a igreja cristã precisa ser uma comunidade santa que atrai pessoas a um novo modelo de vida através da proclamação do evangelho. Ela jamais poderá sucumbir frente à cultura da pós-modernidade. Cada membro do corpo de Cristo deve se comprometer com o caráter missional da igreja. Este comprometimento individual sempre se desenvolve para o coletivo e gera novos brotos para o reino de Deus, a partir dos exemplos de Jesus: a videira que sustenta todos os seus ramos.

Tanto os textos neotestamentários quanto a exposição doutrinária da Confissão de Fé de Westminster e da Confissão Helvética apresentam a igreja como uma comunidade vocacionada para adorar (por meio da comunhão) e proclamar as boas novas de salvação. Logo, qualquer atividade que não se associe à adoração comunitária e à proclamação do evangelho, não estará harmonicamente alinhada com a essência bíblica e histórica dessa comunidade. Se a natureza do Corpo de Cristo contempla a comunhão dos santos e em ser testemunha até os confins da terra, tal responsabilidade somente será alcançada por meio dos imperativos: ir, pregar e discipular. E, não cumprir a Grande Comissão significaria ir contra a sua própria natureza. A igreja possui um modelo a ser seguido: Jesus. O modelo bíblico de discipulado é exemplificado por Cristo quando Ele chama, treina e envia os seus discípulos a uma missão. Tendo em vista que a tarefa primordial na vida do discípulo de Jesus é reproduzir novos discípulos, torna-se necessário ir e alcançar pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, Gregg R. Teologia histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã. São Paulo: Vida Nova, 2017.

AZEVEDO, Marcos. Modernidade e pós-modernidade: desafio à vida e à fé cristã. São Paulo: Fonte editorial, 2015.

- BAVINCK, Herman. Dogmática Reformada: Espírito Santo, Igreja e nova criação. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BEEKE, Joel R. Harmonia das confissões de fé reformadas. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Campinas, SP: Luz para o caminho. 1990.
- BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BOSCH, David J. Missão transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão. 2ed. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Orgs). Dicionário internacional de teologia. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BRUCE, A. B. O treinamento dos Doze. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- CAIRNS, Earle E. O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. 2ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CALVINO, João. As institutas da religião cristã. Volume 4. 2ªed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- CARRIKE, Timóteo. O que é igreja missional: Modelo e vocação da igreja no Novo Testamento. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.
- CARSON, D. A. Igreja emergente: o movimento e suas implicações. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- CHAN, Francis; BEAUVING, Mark. Multiplique: discípulos que fazem discípulos. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.
- CLOWNEY, Edmund. A Igreja. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- CORDEIRO, Wayne. Igreja irresistível: característica de uma igreja que arranca aplausos do céu. São Paulo: Vida, 2016.
- DEVER, Mark. 9 Marcas de uma igreja saudável. São José dos Campos: Fiel, 2016.
- DEVER, Mark; DUNLOP, Jaime. Comunidade Cativante. São José dos Campos: Fiel, 2016.
- DEVER, Mark. Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2015.
- DEVER, Mark. O evangelho e a evangelização. São José dos Campos: Fiel, 2011.
- ELWELL, A. Walter. Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2009

- ERICKSON, J Millard. Conciso dicionário de teologia Cristã. 2ªed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995
- FERREIRA, Franklin. A igreja cristã na história. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- FERREIRA, Franklin. Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GOHEEN, Michael W. A igreja missional na Bíblia: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014. Versão eletrônica.
- HACKMANN, Borges Luis Geraldo. A amada igreja de Jesus Cristo: Manual de eclesiologia como comunhão orgânica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- HODGE, Alexander A. Confissão de fé de Westminster comentada por A. A. Hodge. Editora Os Puritanos, 1999.
- HORTON, Michael. A Grande Comissão. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- INÁCIO de Antioquia. Aos magnésios in: Padres apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995. Ebook.
- IRINEU de Lion. in: Contra as heresias. São Paulo: Paulus, 1995. Ebook.
- Justino de Roma: I e II apologias, diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995. Ebook.
- KELLER, Timothy. Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- MADUREIRA, Jonas. O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019. Ebook.
- MARRA, Cláudio A. B. A Igreja Disciplinadora. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MARSHALL, Colin; PAYNE, Tony. A treliça e a videira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2016.
- MORELAND, J. P. Filosofia e cosmovisão cristã. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- MULHOLLAND, Dewey. Teologia da Igreja: Uma igreja segundo os propósitos de Deus. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.
- PACKER, J. I. Teologia concisa. São Paulo: Cultura cristã, 2014.
- PADOVESE, Luigi. Introdução à teologia patrística. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.
- PHILLIPS, Keith W. A formação de um discípulo. 2ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- PIPER, John; MATHIS, David. Cumprindo a missão: Levando o evangelho aos não alcançados e aos não engajados. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Ebook.

QUINTA, Manoel. Apresentação In: Padres apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.

Ebook.

SCAZZERO, Petter; BIRD, Warren. Igreja emocionalmente saudável: uma estratégia de discipulado que realmente transforma vidas. São Paulo: Editora Vida, 2014.

SHEDD, Russel P. Evangelização: fundamentos bíblicos. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

SIRE, James. Dando nomes aos elefantes. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

STETZER, Ed. Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015.

STETZER, Ed; PUTMAN, David. Desvendando o código missional: tornando-se uma igreja missionária na comunidade. São Paulo: Vida Nova, 2018.

STILES, J. Mack. Evangelização: como criar uma cultura contagiante de evangelismo na Igreja local. São Paulo: Vida Nova, 2015.

TIMMIS, Steve; CHESTER, Tim. Igreja Total: repensando radicalmente nossa apresentação do evangelho na comunidade. Niterói: Tempo de Colheita, 2011.

VEITH, Gene Edward. Tempos pós-modernos: uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 1999.